



A construção da cadeira de História das Civilizações da USP nas cartas de Jean Gagé, Branca Caldeira e Eurípedes Simões de Paula.

ARYANA LIMA COSTA¹

Introdução

No Brasil, o campo de estudos sobre a história da formação de profissionais de História vem ganhando relevância ultimamente, especialmente no formato de produções de pós-graduação (OLIVEIRA, 2011; ROIZ, 2012; RODRIGUES, 2002). Afora algumas publicações de artigos ou capítulos de livro de autores como Marieta de Moraes Ferreira (2008a, 2008b, 2012, 2013a, 2013b), Itamar Freitas (2006), Helenice Ciampi (2000), conhecemos a história de nossa profissionalização principalmente por meio das entrevistas que historiadores/professores universitários e ex-alunos têm concedido.

A produção recente na área nos parece ser tributo do reconhecimento de que também a forma como se ensina história interfere na produção de sua escrita, levando-nos ao diálogo com o campo da história das disciplinas, além de acompanhar os estudos que procuram levar em consideração as trajetórias profissionais e de vida na composição das comunidades de historiadores, como por exemplo nas iniciativas intituladas de ego-história e no diálogo com a sociologia do conhecimento.

O que caracteriza estes trabalhos é a necessidade de se lidar com fontes das mais variadas naturezas – escritas e orais, relativas às instituições universitárias (documentação departamental, legislação e regimentos internos, estruturas curriculares), políticas (Assembleia Legislativa, DOPS) e periódicos, tendo em vista a pouca possibilidade de trabalho com uma documentação que possa ser seriada. As estratégias encontradas pelos autores tem sido a de acompanhar as carreiras acadêmicas de professores (Henri Hauser, Delgado de Carvalho e Luiz Camillo, em Ferreira, 2013 e Alfredo Ellis Junior, Sérgio Buarque de Holanda e Eduardo d'Oliveira França em Roiz, 2011 – ainda que Roiz foque principalmente na produção historiográfica daqueles autores e não tanto em suas carreiras acadêmicas), sem entretanto esquecer a necessidade de se situar essas instituições e esses sujeitos em um quadro mais amplo referente à estrutura educacional e contexto político-econômico.

¹ Doutoranda no PPGHIS/UFRJ; professora no DHI/UERN.

Assim sendo, buscamos compreender a partir das correspondências trocadas entre Eurípedes Simões de Paula (assistente de História da Civilização e posteriormente professor de História da Civilização Antiga e Medieval), Jean Gagé (professor de História da Civilização e depois de História da Civilização Moderna e Contemporânea) e Branca Caldeira (colega de turma de Eurípedes) e de materiais didáticos produzidos pelos professores da cadeira de História da Civilização o processo de construção de uma disciplina acadêmica. A utilização desse tipo de fonte nos permitiu entrever a delimitação de uma área acadêmica e as diferenças na construção das narrativas sobre a formação do historiador e sobre a produção nacional de história não somente por meio de seus conteúdos como também através de fatores pessoais e institucionais.

Fazer História na Universidade

O curso de História da USP nasceu inicialmente conjugado com disciplinas da área de Geografia, e começou com as cadeiras de História da Civilização, História da Civilização Americana e História da Civilização Brasileira, Etnografia Brasileira e Noções de Tupi Guarani, além das cadeiras de Geografia. A Cadeira de História da Civilização deste curso é conhecida e lembrada pelos seus professores franceses. O mais famoso dentre eles sendo Fernand Braudel, que aqui permaneceu de 1935 a 1937. Outros também vieram ministrá-la, ao contrário da cadeira de história da Civilização Brasileira, sempre ocupada por professores nacionais: Émile Coornaert em 1934, o já citado Braudel, Jean Gagé de 1938 a 1946 e Émile Léonard, como visitante em 1948 (ROIZ 2012, p. 43).² É a partir destas presenças que a memória do curso de História da USP foi construída, sendo ressaltados principalmente a relação próxima que os professores tinham com os alunos e suas aulas excelentes. Nesta constelação, a estrela de Braudel é a que mais brilha, possivelmente pela notoriedade que alcançou no cânone historiográfico após sua passagem pelo Brasil. Mas outro professor, passou mais tempo do que todos e deixou um rastro possível de ser seguido: Jean Gagé. Na correspondência passiva de Eurípedes Simões de Paula, assistente de Fernand Braudel, encontramos suas cartas que cobrem desde o período anterior à sua chegada até 1942 e nos permitem acompanhar, pelo menos por um dos lados, a construção de uma disciplina acadêmica e do constituir-se das atividades profissionais universitárias.

² Mais tarde, entre 1957 e 1958, Jean Glénisson, autor do famoso manual de Introdução aos Estudos Históricos, foi o primeiro professor da cadeira de Metodologia e Teoria da História recém inaugurada no curso de História, já separado do de Geografia.

Gagé contava 36 anos quando veio como professor ao Brasil. Tornou-se agrégé em Lettres et Sciences Humaines em 1924, ensinou um ano no Lycée Kléber de Strasbourg em 1928, após o quê ocupou uma vaga na Faculdade de Letras de Estrasburgo, responsável pela cadeira de História Romana. Foi como tal que chegou na USP, onde permaneceu até 1946³.

No Natal de 1937, o candidato a ocupar a vaga da cadeira de História da Civilização após o retorno de Fernand Braudel à França, Jean Gagé, escreve uma carta a um futuro colega de trabalho, a quem ainda não conhecera. Na carta, Gagé começa pedindo permissão para entrar em contato com Eurípedes Simões de Paula, pois caso as negociações entre os Ministérios de Assuntos Estrangeiros e a Universidade de São Paulo se encaminhassem, Gagé estaria se juntando a Paula em 1938. Ele informa que soube de Simões de Paula por meio de Fernand Braudel, que recomendou seu antigo assistente muito bem e pede:

Eu serei muito grato por todas as informações que você possa e queira me dar por carta, antes da minha chegada, sobre as condições da vida universitária em São Paulo (da realidade do início das aulas, horários e distribuição dos cursos, programas eventuais, recursos e livros, etc.) e particularmente sobre o funcionamento do ensino de história.⁴

Jean Gagé parece vir em uma aventura tão desconhecida para o Brasil que sente a necessidade de se apresentar: “Eu sou especialista em história antiga e sobretudo, romana.”⁵ e especular sobre o que vai ensinar: “É para ensinar este assunto que eu creio que tenham me designado.”⁶, ainda que já houvesse sido advertido por Braudel: “Mas o M. Braudel me advertiu para a possibilidade de também ministrar algumas aulas de história moderna e contemporânea. Estou disposto a fazê-lo⁷” Gagé também se preocupa com o repertório bibliográfico que a universidade possui, já que o ensino de história antiga só se iniciará quando ele chegar. Pede uma lista a Eurípedes das coleções que aqui já existiam, pois se

³ Ao retornar à França, Jean Gagé voltou para Estrasburgo, onde doutorou-se em 1955. Entrou no College de France 1955, de onde se aposentou em 1972.

⁴ Carta de Jean Gagé ao titular. Dezembro de 1937. Cx 28, n. 2430. No original: je vous serai vivement reconnaissant de tous les enseignements que vous pousserez et veudrez me donner par lettre, avant mon arrivé, sur les conditions de la vie universitaire a São Paulo (de la réelle de la rentrée, horaire et distribution des cours, programmes eventuels, ressources et livres, etc.) et particulierement sur le fonctionnement de l'enseignement d'histoire. (AESP). Tradução da autora. Todas as traduções das correspondências originais do restante do texto foram feitas pela autora.

⁵ No original: Je suis spécialiste d'histoire ancienne, et surtout, romaine.

⁶ No original: C'est pour cet enseignement je crois, que l'on m'a désigné.

⁷ No original: Mais M. Braudel m'a fait prévoir que j'aurais aussi a donner quelques leçons d'histoire moderne et contemporaine. Je suis très disposé a le faire (...).

propõe a completá-las e trazê-las. E termina sua primeira carta assinando: Jean Gagé, professor de história romana na Faculdade de Letras. Universidade de Estrasburgo⁸. (idem)

Paralelamente a essa correspondência, Eurípedes se comunica também com uma antiga companheira de Faculdade, que se encontra em uma bolsa de estudos na França. Em janeiro de 1938, Branca Caldeira conta a Eurípedes que Braudel também lhe informou que o professor que o substituiria (a Braudel) seria M. Gaget (sic) e que “quanto aos seus cursos, você fará H^a Grega e Idade Média.” E completa: “Diz ele que Gaget conhece a fundo os visigodos e nele você terá não só um amigo mas um guia seguro para o seu trabalho.” Braudel também não deixa de aconselhar Eurípedes por meio de Branca: “Recomenda muito a você que abrindo-se inscrição para concurso, não deixe de se apresentar como candidato.”⁹

Mesmo longe e após a saída de Braudel, a troca bibliográfica entre os professores continuaria. Ficamos sabendo por meio da correspondência de janeiro de 1938, em que Branca avisa a Braudel que os cursos da Escola de Altos Estudos não seriam mimeografados, mas que Braudel lhe mandaria suas notas (não sabemos se elas vieram), que os materiais didáticos serviam como suporte que materializaria e solidificaria essa influência.¹⁰ Ainda que indicar estes materiais como veículos por meio dos quais os professores “daqui” se apropriavam dos professores “de lá” possa ser óbvio, este tipo de material não costuma ser tratado enquanto fonte nos estudos sobre a história da historiografia. Se faltam estudos que os tragam como objeto, faltam ainda mais reflexões que contemplem sua função e seu alcance na transmissão de tradições e cânones através da formação de historiadores. A começar pelo fato de que, muito mais do que na elaboração de uma tese, em que a produção é passível de maior controle pelo orientador e orientando, numa relação mais estreita e individual e de menor duração, estes materiais fazem-se presentes no cotidiano escolar dos professores e dos alunos, dia após dia, semestre após semestre, e como vemos neste caso, ano após ano (mais a frente, veremos que Gagé mantém em 1942, um programa de 1938). Atingem maior número de pessoas simultaneamente (em uma mesma classe) e ao longo do tempo (na sucessão de turmas). Sua utilização não se dá sob a mesma égide daquela de uma relação de orientação e produção de tese, em que o comando de um orientador é mais fácil de ser constatado. Em se tratando de práticas de leituras, a sala de aula permite que tratemos esse texto pelo viés de sua

⁸ No original: professeur d'histoire romaine à la Faculté des Lettres. Université de Strasbourg.

⁹ Carta de Branca Caldeira ao titular. 01/01/1938. Cx. 28, n. 2432.

¹⁰ Carta de Branca Caldeira ao titular. 23/01/1938. Cx. 28, n. 2433. A menção ao intercâmbio de manuais e anotações de aulas é recorrente nas correspondências trocadas entre os sujeitos em questão.

produção, de seu suporte material e de sua recepção. Essa última caracteriza-se ainda pela multiplicidade de sujeitos: os vários alunos de uma classe. Desses três elementos, infelizmente os recursos de que dispomos até o momento só nos permitem nos ater à materialidade do texto – o uso e a recepção dos textos, dos quais mesmo que tivéssemos material para análise, provavelmente demandariam um outro trabalho de igual envergadura.

Sabemos que Fernand Braudel e Eurípedes Simões produziram juntos uma apostila para ser usada na Cadeira de História da Civilização, entre os anos de 1935 e 1937. Essa apostila encontra-se assinada e datada de 1942 por Eurípedes, o que nos leva a crer que tenha continuado a ser utilizada pelo próprio enquanto assistente de Jean Gagé. A apostila foi encadernada de modo que tanto os cursos do titular – Braudel, quanto do assistente – Simões, estejam juntas. Mas não sabemos se era desta forma que ela circulava entre os alunos, ou se sequer circulava entre estes, restringindo-se ao uso pelos docentes. Seu índice indica o responsável por cada um dos cursos e seus títulos:

E.S.P.: Resumo da Dissertação sobre a Pré-História; Pré-História; Curso de História Oriental; Cronologia Oriental; História Grega; Cronologia Grega; Curso de História Romana; As Origens da História Romana; História Romana (resumos).

F.B.: As Hegemonias Políticas dos séculos XVI e XVII; As origens da Revolução Francesa; Georges Lefebvre – A Revolução Francesa e os Camponeses; a Inglaterra de 1848 a 1914; Fachoda¹¹. (BRAUDEL, 1935).

Os subtítulos remetem-se a cronologias, origens, bibliografia e recortes cronológicos ou geográficos. Cada um dos cursos inicia-se com ou com uma lista cronológica de acontecimentos ou com comentários acerca de como os alunos devem ser introduzidos à bibliografia – por quais leituras devem ser introduzidos ao tema, o que nos indica seu caráter didático. Entretanto, esses comentários em geral não passam de duas páginas e apresentam superficialmente as obras, apontando seus pontos altos e baixos, sem aprofundar-se nos detalhes de cada uma. As referências bibliográficas são majoritariamente francesas; em menor número seguem as obras em língua inglesa.

Além desse material que configurava a cátedra até o ano em que Jean Gagé a assumiu, encontramos um rascunho de uma carta de Eurípedes em resposta a Gagé, datada de 1º de

¹¹ Em francês no original: Les Hegémonies Politiques des XVI et XVII siècles; Les Debuts de la Revolution Française; Georges Lefebvre – A Revolução Francesa e os Camponeses; L'Angleterre de 1848 a 1914; Fachoda.

janeiro de 1938, em que informa que M. Braudel havia deixado um programa pré-aprovado pelo Conselho. A previsão era de que a cadeira de História da Civilização fosse desdobrada, mas devido a uma “mudança de atmosfera” na Faculdade, tal desdobramento não iria ocorrer. Muito esquematicamente, Eurípedes rascunha a seguinte divisão:

Cursos do Professor:

Cursos para os 3 anos: a) O Mundo Helenístico; b) O mundo à época de Luis XIX; c) O Império Romano e o Fim do Mundo Antigo.

Cursos ministrados por vós:

Para o 1º ano (1ª série): História Romana das origens ao fim da República.

2º ano: Os Grandes Problemas Econômicos e Sociais da Idade Média.

3º ano: A Revolução Francesa

Cursos do Assistente:

1º ano: a) O Oriente o Extremo Oriente na Antiguidade; b) História Grega, das origens à Guerra de Peloponeso.

2º ano: As grandes linhas da Idade Média (curso de iniciação) e talvez História Ibérica.¹²

E pede para ficar responsável pelos cursos de História Antiga e Idade Média, como já estava acordado, pois o de Moderna e Contemporânea seria uma tarefa muito pesada para si. Nesta carta, Eurípedes também dá informações sobre como a biblioteca do início do curso de História e Geografia da USP foi formada: por doações do governo francês e aquisições do Estado de São Paulo (idem). Como sói ainda hoje, os professores à época lançavam mão de suas bibliotecas particulares para o seu trabalho. É ela que Eurípedes também coloca à disposição de Jean Gagé.

Após um breve desentendimento que durou de janeiro a fevereiro de 1938 acerca de seu contrato, segundo as cartas recebidas (em 02 de fevereiro de 1938 ele não podia assumir o compromisso de permanecer no Brasil por três anos), em 19 de fevereiro Gagé comunica a Eurípedes que finalmente vai vir ao Brasil, ainda que comece com três semanas de atraso.¹³ E já por carta, envia um quadro que elaborou a partir de conversa com Braudel, referente à divisão da cadeira de História das Civilizações. A proposta é de que Gagé se responsabilize

¹² Rascunho de carta do titular ao prof. Gagé. 01/01/1938. Cx. 20, n. 2042.

¹³ Carta de Jean Gagé ao titular. 19/02/1938. Cx. 28, n. 2437.

pelo curso de História Moderna e Contemporânea. Da antiguidade, se propôs a tratar da parte romana, e se Eurípedes não tivesse objeção, da história helenística a partir das conquistas de Alexandre. Quanto à Idade Média, Gagé acredita que haverá acordo em que ele trate das origens, “utilizando notadamente os belos trabalhos de Pirenne; eu te deixo o curso geral e a maior parte dos problemas”¹⁴ (idem). O esquema proposto por Jean Gagé é o seguinte:

Segunda

4 -5: M. Simões: I (ano). 1 semestre: História antiga. Oriente e Extremo Oriente.

2e semestre: As grandes etapas da história ibérica das origens ao século XVI.

Terça

4-5: M. Simões: II (ano). A Idade Média; generalidades do século V ao XII (a começar com 15 dias de atraso?)

5-6: M. Gagé. I-II (III) (facultativo para os alunos do 3 ano): Roma das origens ao fim da República.

6-7: M. Gagé: II. (III se houver demanda). O fim do império e o início da Idade Média (na verdade, mais aulas sobre o Império Romano a princípio).

Quarta

4-5: M. Simões. I. História grega. Generalidades. Das origens ao fim da guerra do Peloponeso.

5-6: M. Gagé. I-II-III-IV: O problema de César (?)

6-7: M. Gagé: Grandes questões da história europeia: da revolução francesa à crise das nacionalidades.

Quinta

5-6: M. Gagé. I-II-III-IV. A questão da Ásia nos séculos XIX e XX. (?) (curso aberto ao público).

6-7: M. Gagé. III-IV Questões Pedagógicas. Exposições dos estudantes.¹⁵

¹⁴ No original: “en utilisant notamment les beaux travaux de Pirenne; je vous laisserai le cours general et la plupart des problèmes.”

¹⁵ No original: 4 -5: M. Simões: I (ano) Hist. anciennes. Orient et Extr. Orient, 2e semestre: Les grands étapes de l'histoire ibérique des origins au XVIe siècle; Terça: 4-5: M. Simões: II (ano). Le Moyen Age; generalités de V au XIII s. (a commencer avec 15 jours de retard?), 5-6: M. Gagé. I-II (III) (facultatif pour les étudiants III): Rome des origins a la fin de la République, 6-7: M. Gagé: II. (III sus demande). Le fin d l'empire el les débuts du M. Age (en fait d'abord plusieurs leçons sur l'Empire romain); Quarta: 4-5: M. Simões. I. Histoire grecque. generalités. Des origins a le fin de la guerre du peloponése, 5-6: M. Gagé. I-II-III-IV: Le probleme de César (?), 6-7: M. Gagé: Grandes questions d'histoire européenne de la Revolution Française à la crise des nationalités; Quinta: 5-6: M. Gagé. I-II-III-IV. La question d'Asie aux XIX-XX siècles (?) (cours ouvert au public), 6-7: M. Gagé. III-IV Questions Pedagogiques. Exposés d'estudiants.

Gagé deixou igualmente uma apostila com seus cursos. Dentre as matérias acima, sobreviveram os cursos de História da Ásia datado de 1938 e a “Questão do Oriente”, já de 1941. O material de História da Ásia começa pela apresentação do programa, uma orientação geral sobre o curso, suas leituras e pela indicação de uma “bibliografia prática”. Ambas as apostilas se organizam por lições: 1ere. Leçon; 2eme. Leçon, etc, permitindo perceber mais claramente do que aquela de Braudel sua finalidade didática, o movimento de transposição didática dos conteúdos e, portanto, sua organização para o ensino.

O ano letivo de Gagé no Brasil parece ter se desenrolado com muito proveito: desenvolveu laços afetivos com seu assistente e seus alunos. Ao final de 1938, em 15 de novembro e retornando à França de barco, entre Dakar e o Marrocos, Gagé indica a manutenção das trocas entre eles: promete a Eurípedes os últimos capítulos de seu curso sobre império romano e sobre a república (“César também”). E lembra com afeto de seu assistente quando fala do Marrocos: “E lá eu terei uma nova ocasião para pensar em você e no seu trabalho marroquino em andamento”¹⁶

O mês de dezembro é de negociação entre Eurípedes e Gagé para que este possa chegar ao Brasil já com o ano escolar iniciado. Eurípedes se propõe a começar o ano sem a presença do francês, sem o quê este não poderia retornar ao Brasil para lecionar em 1939. Mesmo assim, Jean Gagé se deu ao trabalho de procurar possíveis substitutos: M. Albertini possivelmente iria para o Rio; Victor Tapié se recusou. Quem se interessou foi seu colega Cavignac, que apesar de ser um historiador incontestável, era “desprovido de certas qualidades de professor.”¹⁷ Na mesma carta, Gagé se diz tranquilizado das garantias que Eurípedes recebeu de que permaneceria em seu posto de assistente. O intercâmbio dos cursos continua: Gagé distribuiu vários exemplares do seu curso (“nosso curso”) sobre o Extremo Oriente por Paris, inclusive um a F. Braudel. E devolve a Eurípedes um “curso bradeuliano” que lhe pertencia. (idem)

Outro elemento interessante neste trabalho de parceria é a confiança que Gagé tem em Eurípedes, pedindo-lhe que complete seu relatório para o Anuário da FFCL de 1937 a julho de 1938. Pede-lhe que insira os nomes dos alunos dos diferentes anos; de modificar a seu próprio julgamento as passagens que considerar perigosas, inoportunas ou inúteis sobre “Alexandre reinante”; incluir a descrição de alguns dos tópicos trabalhados, bem como de

¹⁶ Carta de Jean Gagé ao titular. 15/11/1938. Cx. 28, n. 2443. No original: Et j’aurai là une nouvelle occasion de penser à vous, et à votre travail marocain en cours.

¹⁷ Carta de Jean Gagé ao titular. 28/12/1938. Cx. 28, n. 2447.

trabalhos de alunos como Olga Pantaleão, “A Abolição do Tráfico”, dona Branca (Caldeira), “A Política Americana de Napoleão”, e enviar uma cópia do relatório ao M. Souza Campos (à época, diretor da Faculdade).¹⁸

Em algo que nos parece tão naturalizado quanto um currículo e um horário, aprendemos por meio das correspondências de Gagé que este também é negociado, nem tanto pelo *mérito do conteúdo, mas pelos seus compromissos profissionais*. Sem saber se as autoridades paulistas iriam aceitar seu pedido de retornar ao Brasil somente ao final de abril ou início de maio, quando poderia se desvencilhar de suas aulas na França sem prejuízo, Gagé pede a Simões que organize seus horários em 6 aulas, pois mais do que isso também não pode ministrar, caso seu vencimento não esteja garantido. Simões daria mais aulas até sua chegada, quando este finalmente retomaria suas seis horas regulamentares mais duas de Simões. Percebemos também, mais uma vez, que parece não haver preocupação com a distinção entre os níveis dos alunos. Na mesma carta, Jean Gagé pede que os cursos práticos sejam organizados de forma a que os alunos do 2º e do 3º ano possam frequentá-los conjuntamente.¹⁹

O curso de História da Civilização de 1939 também toma forma por carta. Gagé prevê dez aulas sobre a história da colonização da África no segundo semestre; tentará ministrar todo o curso sobre Idade Média e Bizâncio, apesar da sua chegada tardia; quatro aulas lhe serão suficientes para o século XVI: Renascimento, Reforma e Contra-Reforma; o curso sobre a civilização europeia e francesa no “século de Louis XIV” ocupará todo o semestre, menos uma ou duas aulas.²⁰ As avaliações também são revistas: os alunos não deverão fazer mais dois trabalhos de aproveitamento, mas somente um, sob pena de ficarem com muitos papéis, como no semestre anterior, e o exame oral seria feito no primeiro semestre. Entretanto, Gagé não garante a data de sua vinda ao Brasil, tem medo de que quaisquer interferências na sua partida: a sombra da guerra já aparece nas correspondências.²¹

Para concluir o que as interações pessoais revelam sobre a configuração do programa das disciplinas, as últimas cartas de Jean Gagé a Eurípedes, datadas do final de 1941 e início de 1942 onde aparentemente passava as férias (provavelmente por não retornar à França em guerra), não falam mais do planejamento dos cursos - seus programas. Portanto, desde sua

¹⁸ Carta de Jean Gagé ao titular. 30/12/1938. Cx. 28, n. 2448.

¹⁹ Carta de Jean Gagé ao titular. 04/02/1939. Cx. 28, n. 2450.

²⁰ Carta de Jean Gagé ao titular. 15/02/1939. Cx. 28, n. 2452.

²¹ Carta de Jean Gagé ao titular. 25/03/1939. Cx. 28, n. 2459.

familiarização com a instituição em 1939 até a última indicação que temos em que o professor francês solicita que Olga Pantaleão datilografe o índice do curso “Questão do Oriente” baseando-se no curso de 1938, temos um hiato *nas cartas*, indicando uma estabilização dos conteúdos de 1938 até pelo menos 1942.

Conclusões

Ao historiador que hoje se lança à tarefa de produzir algum trabalho em sua área, é dado como fato que ele precisará estudar o seu objeto compreendendo sua historicidade e em quais termos ele se apresenta no tempo do próprio pesquisador, fomentando por sua vez, a consolidação de uma área que já se convencionou chamar de “história da historiografia”.

Desde a chave interpretativa proposta por Michel de Certeau para pensar o fazer historiográfico que esta operação tem sido dividida em três fases, que apesar de distintas, podem ocorrer simultaneamente: um lugar, um fazer e uma escrita. Estas considerações tornaram-se corriqueiras na escrita da história, incluindo aí o trabalho de reflexão sobre si própria enquanto objeto de investigação.

Pondo em xeque a naturalidade das explicações de causalidade e nos concentrando no nível das interações sociais para compreender essa mesma causalidade, levando ao tratamento de fontes que deem condição para tanto, acreditamos que a história da constituição do campo da História em um determinado momento e das suas práticas de transmissão, ou seja, do ensino de História nas universidades e da formatação acadêmica da “disciplina” História, confere novos elementos para análise dos processos de inovação na produção historiográfica, de ocupação dos espaços de atuação e de sua institucionalização.

Para este artigo, nos deparamos com o desafio de trabalhar com cartas, talvez o veículo mais evidente de relações interpessoais, como fontes. E para deixar o trabalho no mínimo ainda mais interessante, por ora dispomos somente da correspondência passiva de Eurípedes Simões de Paula – ou seja, das cartas recebidas. Mesmo que só nos permitam ler as palavras de Jean Gagé e Branca Caldeira, elas dão a ver a teia de relação pessoais que interferem na construção da disciplina, como os acordos entre Eurípedes e Gagé sobre os horários e o programa da cadeira de História da Civilização e as escolhas pessoais sobre suas carreiras.

Ficamos devendo uma análise dos conteúdos das apostilas, que a uma primeira vista, são compostas de listas cronológicas e resenhas bibliográficas, nos fazendo questionar

exatamente em quais aspectos as aulas dos professores franceses, lembradas com tanto carinho pelos seus sucessores como aulas encantadoras, se diferenciavam daquelas ministradas pelos demais professores, para além da língua diferente e da bibliografia estrangeira. Mas vemos reforçada nossa crença de que os materiais didáticos também precisam ser cotejados como fatores para a perpetuação de tradição, bem como elementos para analisar os julgamentos que os profissionais de História estabelecem sobre a relação entre sua atividade de professor e de pesquisador, na medida em que decidem o que deve ser aproveitado para aula e o que deve ser consumido para a produção de suas pesquisas.

Referências:

Fontes:

Todas as cartas foram consultadas em:

Centro de Apoio à Pesquisa Histórica (CAPH)/USP. Acervo Eurípedes Simões de Paula (AESP), caixas 20, 27 e 28.

Apostilas:

GAGÉ, Jean. Apostilas do curso “**Les Problemes de l’Asie**” – Extrême Orient et Pacifique – aux XIXe siècle et jusqu’à nos jours. (1938). São Paulo. FFCL/USP.

PAULA, Eurípedes e BRAUDEL, Fernand. **Apostilas da Cadeira de História da Civilização** (1935-1937). São Paulo. FFCL/USP.

Bibliografia

BOURDIEU, P. **Os Usos Sociais da Ciência**: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

CANABRAVA, A. P. **O caminho percorrido**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2003.

CAPELATO, GLÉZER e FERLINI. A Escola Usiana de História. In.: **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 22, 1994. p. 349-358.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. São Paulo: Forense, 2007.

CIAMPI, Helenice. **A história pensada e ensinada**: da geração das certezas à geração das incertezas. São Paulo: Educ, 2000.

ELIAS, N. Scientific Establishments. In.: ELIAS, N, MARTINS, H, WHITLEY, R. (org.). **Scientific Establishments and Hierarchies**. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1982.

FERREIRA, Antônio C. **A Historiografia Profissional Paulista: expansão e descentramento**. In.: GLÉZER (org.) *Do Passado para o Futuro*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 321-342.

FERREIRA, Marieta de M. Perfis e trajetórias dos professores universitários do curso de História no Rio de Janeiro. In: Antônio José Barbosa de Oliveira. (Org.). **Universidade e Lugares de Memória**. 1 ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008a, v. 1, p. 235-268.

_____. Os desafios da profissionalização do ensino de História: duas trajetórias de professores universitários. In: ALMEIDA, Marta; VERGARA, Moema. (Org.). **Ciência, história e historiografia**. São Paulo: Via Lettera, 2008b, p. 175-189.

_____. O ensino da história na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, n.2. abr.-jun. 2012. p.611-636.

_____. O lado escuro da força: a ditadura militar e o curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNF/UB) 45-64. In.: **Revista História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 11. abr 2013a. p. 45-64.

_____. **A História como Ofício: a constituição de um campo disciplinar**. RJ: FGV, 2013b.

FRANZINI, F. e GONTIJO, R. Memória e Historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos 1940-1960. In.: SOIHET, R. et AL. (orgs.) **Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

FREITAS, Itamar. **Histórias do ensino de história no Brasil**. 1. ed. São Cristóvão: Editora da UFS, 2006.

FREITAS, S. **Reminiscências**. São Paulo: Maltese, 1992.

GUIMARÃES, Manoel. Repensando os domínios de Clio: as angústias e ansiedades de uma disciplina. **Revista Catarinense de História**, n. 5, p. 5-20, 1998.

MASTROGREGORI, M. Historiografia e Tradição das Lembranças. In.: MALERBA, J. (org.) **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, João Paulo. **Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da história na Faculdade Católica de filosofia de Sergipe (1951-1962)**. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A institucionalização da formação superior em história: o curso de geografia e história da UPA/UFRGS, 1943 a 1950.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

ROIZ, Diogo da Silva. **Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino:** a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968). Curitiba: Appris, 2012.